

## O NÃO DITO EM “ANA TERRA”

Cesar Christian Ferreira dos Santos (UFRGS)  
[cesarchristian2@gmail.com](mailto:cesarchristian2@gmail.com)

### RESUMO

“Ana Terra” é um texto de Erico Veríssimo que faz parte de sua grande obra: *O tempo e o vento*, mais especificamente, está dentro do tomo, *O Continente I*. “Ana Terra”, como todo clássico, não é um texto que se despe completamente à primeira leitura, sendo necessária diversas outras para que possamos preencher as informações lacunares e não ditas na obra. Também é necessário, se se nos propormos a um estudo mais aprofundado, um conhecimento prévio de toda a obra *O continente I*. Dessa forma, a partir de uma visão hermenêutica, que dialoga com a história, e, de uma visão a partir da estética recepção podemos chegar a problemas teóricos mais profundos, como por exemplo, as questões que envolvem literatura e sociedade na obra, ou ainda, as tensões existentes na obra, como por exemplo a questão da posse da terra, que é pano de fundo de toda a narrativa de Veríssimo e também não deixa de ser uma informação lacunar que mostra já de cara a importância do sobrenome de Ana Terra.

### Palavras-chave:

Informações lacunares. Não ditos. Tensões na narrativa.

### ABSTRACT

“Ana Terra” is Erico Veríssimo’s text, that belong to his great work: *O tempo e o vento*, more specifically, it is inside of the tome, *O continente I*. “Ana Terra”, as all classic text, doesn’t undress completely at first read, being necessary, to many others readers to fill in all lacunars and don’t said in the text. It’s necessary too, if our purpose is a further study, a knowledge about all the work *O continente I*. That way, from a hermeneutic view, which dialogues with history, and, from a view based on aesthetic reception, we can reach deeper theoretical problems, such as, for example, the issues involving literature and society in the work, or even, the tensions that exist in the text, such as the issue of land ownership, which forms the background of Veríssimo’s entire narrative and is also a piece of missing information that immediately shows the importance of Ana Terra’s surname.

### Keywords:

Unspoken. Missing information. Tensions in the narrative.

### *1. Texto literário, romance regional e a obra de Erico Veríssimo*

Diversos teóricos tentaram ao longo da história da literatura defini-la, entende-la e para tal também ensaiaram algumas definições teóricas. Estabelecendo então conceitos diversos, uns mais completos outros menos sobre a “coisa chamada literatura”. Dessa forma a pergunta: o que é literatura? Passou a ter diversas respostas complexas que se autocompletavam. Eagleton (2006) propõem que a literatura seja uma escrita

“imaginativa” no sentido de ser ficção, ou seja, uma escrita que pode não ser literalmente verídica, mas o próprio autor na sequência de seu raciocínio admite que uma abordagem diversa seja necessária e que “talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega uma linguagem peculiar” (EAGLETON, 2006, p. 3). O referido autor completa seu argumento citando o crítico russo Roman Jakobson, que segundo este último a literatura escrita seria uma “violência organizada contra a fala comum”, o que certamente causaria no leitor o chamado estranhamento, que é uma das características da literariedade, segundo os formalistas. Mas então, como textos iguais aos que, por exemplo, fazem parte da obra de Erico Verissimo conseguiram ser tão populares e alcançar uma “universalidade” trazendo em seu bojo uma linguagem tão distante da linguagem comum? Os textos de Verissimo, sem dúvida, afastam-se dessa linguagem comum e aproximam-se da definição do referido autor, pois o emprego de vocábulos regionais sem abrir mão da norma culta compõem um texto singular, que ao mesmo tempo se aproxima da linguagem comum e regional (variação diatópica) afasta-se da mesma ao ser impecável no uso da norma culta.

Aqui talvez nós possamos completar as definições que Eagleton nos traz em um primeiro momento, observando que Verissimo tem a habilidade de tecer parte de sua obra (*O tempo e o vento*, por exemplo) com um pano de fundo histórico, e, sendo assim, até mesmo causando dificuldades de distinguir o que se tratava de ficção e o que se tratava de realidade, pois a história narrada na obra em questão era a história de muitas famílias da Província de São Pedro do Rio Grande, tornando-se dessa maneira uma obra profundamente identitária. Podemos presumir então, que essa identitariedade da obra é que fê-la tornar-se universal, “se quiser ser universal, cante sua aldeia”, para ilustrar nossa ideia fazemos a seguinte citação:

A história de duas famílias, os Terra Cambará e os Amaral, atravessando dois séculos de vida perigosa, é o fio romanesco que une os episódios do ciclo e embasa as manifestações de orgulho, de ódio de amor e de fidelidade; paixões que assumem uma dimensão transindividual e fundem-se na história maior da comunidade. (BOSI, 2012, p. 436)

A obra de Erico Verissimo como um todo faz parte do que se convencionou ser chamado pela crítica literária de Romance Regional da geração de 30 e ao lado de Jorge Amado alcançou grande sucesso junto ao público, “só há um romancista brasileiro que partilha com Jorge Amado o êxito maciço junto ao público: Erico Verissimo” (BOSI, 2012, p. 434). Mas Verissimo foi à época alvo de muitos comentários e análises

depreciativas (talvez depreciativa não seja o termo mais adequado) como por exemplo a crítica do próprio Bosi (2012, p. 436): “Não se trata, aqui, de fechar os olhos aos evidentes defeitos de fatura que mancham a prosa do romancista: repetições abusivas, incerteza na concepção de protagonistas, uso convencional da linguagem.”. Porém, quando Bosi fala de “uso convencional da linguagem” é porque Verissimo coloca em sua obra muito do léxico regional, e com isso atinge o leitor médio.

Sendo assim, a própria variação linguística regional, as questões regionais, a história regional foram o material estético que Verissimo usou como matéria prima para moldar suas obras. O elemento humano da região também faz parte dessa construção estética, e, neste trabalho vamos abordar uma de suas principais obras, que é homônima de uma de suas principais personagens femininas.

“Ana Terra” é um dos livros que compõem a complexa narrativa de Verissimo, *O tempo e o vento*<sup>15</sup>. Vamos brevemente falar, para situar nosso leitor sobre a estrutura da referida obra. Dentro dela temos:

– O continente I: O sobrado I, A fonte, O sobrado II, Ana Terra, O sobrado III, Um certo Capitão Rodrigo, O sobrado IV.

– O continente II: A teiniaguá, O sobrado V, A guerra, O sobrado VI, Ismália Caré, O sobrado VII.

“O continente” inicia a narrativa que conta a saga da família Terra Cambará, apresenta essa leitura de forma não linear, pois se formos lê-la linearmente deveríamos começar em “A fonte” que conta a história do nascimento de Pedro Missioneiro, para depois iniciarmos a história de “Ana Terra”, “Um certo Capitão Rodrigo” e “O sobrado I, II, III e IV”.

Feita então, essa breve contextualização sobre onde se situa a obra a ser analisada neste trabalho, podemos agora partir para a análise propriamente dita a que se propõem este pequeno artigo: O não dito em “Ana Terra”.

---

<sup>15</sup> A obra de Veríssimo, *O Tempo e o Vento* é composta além de *O continente* (2 volumes), *O retrato* (2 volumes) e *o Arquipélago* (3 volumes). Porém, neste trabalho faremos menções apenas aos livros pertencentes ao *O Continente*, a fim de que não percamos o escopo ou tornemo-lo demasiado grande.

## **2. Informações lacunares presentes na obra**

Quando falamos que o texto literário afasta-se da linguagem comum, talvez possamos inferir que ele seja mais complexo do que um texto comum<sup>16</sup> porque é sobrecarregado da função poética da linguagem, onde a ênfase está no elemento estético do texto e não na sua capacidade de transmitir a mensagem. Sendo assim, podemos dizer que o texto literário não se despe aos olhos do leitor com rapidez:

Não se trata do prazer do strip-tease corporal ou do suspense narrativo. Em ambos os casos, não há rasgão, não há margens; há uma revelação progressiva: toda a excitação se refugia na esperança de se ver o sexo (sonho de colegial) ou de conhecer o fim da história (satisfação romanesca). (BARTHES, 2013, p. 16)

Essa conotação sexual dada por Barthes ao processo de leitura, dá-se tendo em vista o envolvimento emocional que texto literário pode despertar em seu leitor, mas, sobretudo, a questão do *strip-tease* do texto literário é porque ele é cheio de informações lacunares que vão sendo preenchidas lentamente pelo leitor, muitas vezes sendo necessário mais de uma leitura do mesmo texto. Isso dá características de obra de arte ao texto de Verissimo, pois a obra de arte

Sem negar a validade dos conceitos ou das ideias racionais, a obra de arte trabalha com a técnica das evocações lacunares, isto é, com não-ditos que pairam, silenciosa e indiretamente articulados em torno de metáforas e imagens que se espelham mutuamente conteúdos de extrema complexidade, mas que não são explicitados em proposições claras. (ROSENFELD, 1997, p. 79)

“Ana Terra” é um desses textos, que possui informações lacunares e não ditos, que se constroem a partir de metáforas diversas, construindo informações que se preenchem de acordo com o nível do leitor e o objetivo da leitura.

### **2.1. Lacunas estéticas observadas em “Ana Terra”**

Talvez não tenha ficado claro até o presente momento, que iremos analisar a obra e seus personagens e não somente a personagem que dá nome à obra em questão. Também é importante analisarmos que toda a narrativa de “O Continente I”, na qual está inserida “Ana Terra”, tem como pano de fundo a luta pela posse da terra (e pelo poder advindo de

---

<sup>16</sup> Não faz parte do escopo deste trabalho discussões sobre o que é um “texto comum”, apenas abordamos algumas características comuns aos textos literários para que estas pudessem servir de subsídio para desenvolvermos nosso raciocínio.

sua posse), constituindo tal luta em uma tensão constante, castelhanos contra portugueses, farrapos contra imperiais, maragatos contra chimangos, e a própria luta entre as famílias Terra Cambará contra os Amaral. Por essa exposição, já podemos ter um panorama da importância do sobrenome Terra, escolhido cuidadosamente pelo autor.

Erico Verissimo tem como característica desenvolver personagens femininas extremamente fortes e com personalidades marcantes, e esse é exatamente o caso de Ana Terra. A família Terra tem suas origens na Capitania de São Paulo, neta de um bandeirante, Juca Terra, que errava pelo continente de São Pedro tropeçando e em busca de terras para tomar posse:

Quando a mulher se queixava de que ele era um vagamundo e tinha bicho-carpinteiro no corpo, o velho Terra meio que entrustecia e com sua voz grossa e lenta dizia: “Vosmecê pensa que gosto dessa vida de judeu errante? O que eu quero mesmo é um sítio, uma lavoura, um gadinho e uma vida sossegada. Um dia inda hei de me estabelecer nos meus campos do Continente”. Dizia isso com orgulho, batendo na guaiaca, onde guardava sua carta de sesmaria. (VERISSIMO, 2004) p. 163)

Juca, efetivamente, não toma posse da terra, porém seu filho Maneco Terra o faz, levando toda a família com ele para a Província de São Pedro do Rio Grande, sendo assim, podemos perceber e já aqui analisar uma informação lacunar, que seria a escolha do sobrenome “TERRA” para uma família que estava sempre em busca de terras para sua ocupação e posterior posse e fixação. Sendo assim, podemos analisar que a própria descendência de Ana Terra, no caso em questão sua neta Bibiana Terra confirma essa informação apresentada, porque a moça em questão casa-se com o capitão Rodrigo Cambará, que era um aventureiro que carrega um sobrenome que também é nome de uma árvore e que em algum momento decidiu parar suas andanças e fixar-se em um lugar com uma moça com sobrenome Terra:

A Bibiana vai casar. Não diga! Com quem? Com o Bento Amaral? Não. Com aquele homem bonitão que chegou a Santa Fé. O capitão Rodrigo? Esse mesmo. Diz que vai ser um casamento muito lindo. (VERISSIMO, 2004, p. 321)

Podemos estabelecer uma analogia onde a árvore cambará planta-se na terra, desta forma encerrando a mensagem lacunar existente no próprio sobrenome da família Terra.

A complexidade e extensão da obra são um impedimento de abordar todos os aspectos lacunares que ela apresenta, porém a escolha do próprio no de Ana pode ser considerada um desses aspectos, o nome da

heroína vem do hebraico *Hannah*, que significa graça ou cheia de graça. Ou seja, estamos aqui falando da graça divina, podemos dizer que ela era a “graça da terra” ou que ela evocava uma “terra cheia de graças”. O nome Ana, carrega a própria essência da criação, a graça divina. E, é claro, “Ana Terra” vai carregar algumas características de um herói típico do romantismo<sup>17</sup> como o conhecemos hoje, ou seja, Ana tem a capacidade de se sacrificar para ajudar seu semelhante, sua família mesmo que a família dela tenha feito várias coisas com as quais ela não concordava ou que a fizeram sofrer. Portanto, tal qual o próprio Cristo, Ana se imola para salvar sua família.

Sobre os sacrifícios de Ana Terra, podemos estabelecer aqui outra analogia em relação ao sobrenome da heroína, pois sendo ela Terra, partimos da premissa de que a própria terra para produzir e dar frutos é “ferida” precisa ser sulcada e arada, podemos dizer, sem medo de errar, que em toda a narrativa de “O continente” nenhum personagem, masculino ou feminino sofre tanto quanto a Ana Terra, que resiste a tudo e continua, cria seu filho sozinha e vê sua família prosperar.

E talvez, sejam os Terras os principais responsáveis por todo o legado da família Terra Cambará. Pois é Juvenal Terra que dá apoio político na contenda entre o Rodrigo Cambará e o jovem Bento Amaral, garantindo salvo-conduto a Rodrigo, caso viesse a acontecer alguma coisa com seu oponente. Podemos dizer que há na narrativa uma tensão permanente em volta da terra, pois Juvenal Terra ao sentir-se apoiado por Rodrigo Cambará, volta-se contra os Amarais e sua mágoa com a referida família é por conta de uma disputa de terras:

O velho Ricardo Amaral tirou a terra do meu pai. Botou a corda no pescoço do coitado, quando ele ficou mal de negócios. Todo mundo sabe que a maior parte dos campos que esse velho tem foi roubada. Só sinto é ele não estar aqui pra ouvir estas verdades. (VERISSIMO, 2004, p.380)

Pela citação da fala de Juvenal é nítida essa tensão em torno da terra, o que dá mais significado ainda à escolha do sobrenome Terra por parte de Erico Verissimo. Continuando a mostrar a crescente influência dos Terra, futuramente na narrativa. É Bibiana pois, quem cria o filho órfão de Bolívar Cambará, seu neto, afastando-o da influência materna, que na visão de Bibiana era perniciososa. Então, ela em uma jogada de mestre, puxa a criação para o seu lado e a influencia mais do que a mãe, desta forma ela cria o neto, Licurgo sob todo o imaginário Cambará, mas

---

<sup>17</sup> Não estamos aqui falando que o livro de Verissimo é um romance romântico, apenas nos referimos a algumas características românticas que aparecem na construção da heroína.

transmitindo a eles seus valores, e, ainda, recupera todo o patrimônio (e mais) da família Terra que havia sido praticamente tomado por Agnaldo Silva, avô de Luzia. Ao analisarmos o personagem Licurgo, podemos perceber que ele tem mais características de um Terra do que um Cambará, pois ele é extremamente teimoso e apegado à terra. Dessa forma, podemos perceber como Ana Terra deixa um legado muito grande, que é completado por seus descendentes. Então, para concluir, verificamos que Ana Terra ao sofrer todas as coisas que sofreu na narrativa, floresce e dá frutos, possibilitando que sua família torne-se influente no futuro, formando um legado que está ligado à terra.

Insistimos que a família Terra, talvez até prolixamente, é mais importante, ou melhor dizendo, mais atuante na construção do legado da família Terra Cambará porque os personagens masculinos de Veríssimo vêm e vão muito rapidamente, como é o caso do próprio capitão Rodrigo Cambará e não é diferente com Pedro Missioneiro, o par amoroso de Ana Terra. Neste momento podemos abrir uma discussão interessante a partir de alguns questionamentos, por que Ana Terra foi envolver-se com um mestiço entre um bandeirante aventureiro e uma índia? Sendo que ela era uma moça de boa família e, até certo ponto, bem criada. Como na narrativa tudo é orgânico e funcional, a escolha do par amoroso de Ana é extremamente intencional, pois a relação de Ana com Pedro, naquele momento resumia o elemento humano da região, ou seja, a união de portugueses, espanhóis e indígenas já catequisados. Além do que a escolha do nome Pedro, também é intencional e está empenhada na tradição cristã, pois Pedro na Bíblia seria o alicerce da nova religião que Jesus deixava, e Pedro em “Ana Terra” seria o alicerce sentimental e amoroso no qual a moça depositaria todas as suas energias, levando o sangue indígena com nome português a diante, resumindo, de certa forma, a própria formação do povo brasileiro.

A construção do relacionamento de Ana Terra com Pedro Missioneiro é bem interessante e se faz digno de análise. No início Ana rejeita-o por conta das convenções sociais de seu *status* superior de moça de família. Então ela tentou odiá-lo, fazendo a Pedro pequenas maldades, a saber: “Um dia botou-lhe cinza fria na comida. Noutra, sem que ele visse, atirou um punhado de sal no pote em que ele ia beber leite.” (VERÍSSIMO, 20XX, p. 153). Mas isso não quer dizer que ela não o desejava ardentemente:

E numa ocasião em que Pedro se inclinou para apanhar algo que caíra ao chão, e ela viu aparecer uma nesga da carne de seu torso tostado, desejou

subitamente cravar-lhe as unhas naquela pele até tirar-lhe sangue. Envergonhou-se imediatamente desse desejo [...] (VERISSIMO, 2004, p. 153)

Dessa forma podemos perceber um “que” de naturalismo e também do que muitos teóricos chamam de neo-realismo, mas o fato é que inevitavelmente Ana se relacionaria com Pedro Missioneiro pelos motivos já analisados, ou seja, ela se interessa porque ela é Ana Terra e escolhe alguém crioulo da terra para se relacionar, procriar e deixar seu legado.

### 3. *À guisa de conclusão*

Ao idealizarmos e ao construirmos esse trabalho pensamos em duas abordagens teóricas, a hermenêutica e a estética da recepção. A primeira parte da premissa de que o significado de um texto literário não se esgota a partir do que pretendia o autor, e pensa que quando a obra passa de um período histórico para o outro ela vai sofrer interpretações a partir daquele contexto. E quem vai fazer essas interpretações é o leitor, ou seja, entramos na abordagem chamada estética da recepção ou teoria da recepção, onde, as informações lacunares existentes no texto literários, por exemplo: “Ana Terra”, se auto-completam após a leitura dos outros livros de O continente, e também pela própria visão de mundo do leitor e do crítico. Nesse processo o leitor cresce de importância, pois a obra só se realizará plenamente com sua ajuda, e foi o que tentamos estabelecer neste pequeno artigo:

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições, e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto, em si, realmente não passa de uma série de ‘dicas’ para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho de linguagem. (EAGLETON, 2006, p. 116)

Sendo assim, é lógico que o leitor no século XX, à época que obra foi escrita não necessariamente pensaria nesses aspectos lacunares existentes na obra de Erico Verissimo, pois até hoje esses aspectos são pouco explorados até mesmo pela crítica especializada, esta prendendo-se mais à questão da forma do texto de Erico, à leitura das personagens sob sua visão de mundo, e, talvez, à questão da construção do imaginário coletivo brasileiro, pois a obra de Verissimo transitou para diversas outras manifestações artísticas e influenciou diversos outros escritores a escreverem romances regionais.

A questão da obra de Veríssimo transitar entre algumas manifestações artísticas é um ponto a ser levado em consideração. Podemos citar como exemplo de obras do autor que transitaram: “Incidente em Antares” e “O tempo e o vento”, essas obras foram televisionadas nas décadas de 60, 70, 80 e 90, a primeira foi produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão em 1994 em formato de minissérie, com doze capítulos. Já a segunda, foi uma novela em 1967, e também minissérie, produzida e exibida pela mesma emissora em 1985 com 26 capítulos. Sendo que posteriormente, já no ano de 2022 ganhou nova adaptação para a televisão, na mesma emissora e no cinema. Podemos sem dúvida atribuir à obra de Veríssimo o título de clássico da literatura brasileira, pois o clássico tem essa capacidade de resistir ao teste do tempo, de transitar entre as manifestações artísticas, e, ainda, fazer parte da construção do imaginário de uma coletividade.

Sendo assim, não só pelas vias do romance escrito, mas também pela transição da construção literária para a dramaturgia, *O tempo e o vento* veio a fazer parte do imaginário cultural coletivo brasileiro e “Ana Terra” dentro desse contexto se destaca como obra e como personagem feminina que demonstra valores para a construção de uma sociedade saudável e próspera. Sobre essa questão de construir uma sociedade saudável e próspera, podemos citar dois pontos a partir de Antônio Cândido e Jaime Ginzburg.

Antônio Cândido, intelectual famoso por estabelecer e demonstrar os diálogos existentes entre “Literatura e Sociedade”, que é também título de uma de suas obras mais importantes, da qual fazemos a seguinte citação:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CÂNDIDO, 1980, p. 20)

A citação é profícua e mostra como a obra de arte sai de uma sociedade (produzida por um artista) e depois é consumida por essa mesma sociedade, isso ilustra de maneira muito interessante a ideia que queremos concluir, pois podemos dizer que a obra arte pode estabelecer-se em uma antítese hegeliana, para depois estabelecer-se em uma tese, onde os problemas sociais e as tensões estão resolvidas. Na obra de Veríssimo, por exemplo, as questões sobre a terra parecem resolvidas, porém com a exclusão de vozes minoritárias como a voz da família Caré, que aparece apenas marginalmente ao longo de toda a narrativa. E isso nos leva às

críticas de Ginzburg, onde para este os problemas sociais não se dissolvem em uma síntese hegeliana e problemas sociais como a luta pela terra, evidenciados na narrativa de Verissimo, não estão solucionados e trazem “controvérsia e incerteza” (GINZBURB, 2017), seja na leitura e análise da obra em questão, seja trazendo esses problemas e tensões (como as sobre a posse da terra por exemplo) para a realidade nacional hodierna.

Ou seja, “Ana Terra” é um clássico que proporciona diversos tipos de questionamentos atuais e sua leitura se faz imprescindível para entendermos o presente, a partir de uma visão histórico-literária no mínimo relevante para a construção do imaginário coletivo brasileiro e da sociedade em si. Ao completarmos as informações lacunares em “Ana Terra” com nossas leituras e visão de mundo iremos ratificar ou tentar retificar problemas sociais brasileiros que se arrastam desde a colonização, passando pelo império até chegar na república, e, finalmente, em nosso presente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 48. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2012.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. 2. ed. São Paulo: USP, 2017.
- ROSENFELD, Kathrin. Nas malhas da morte: as tramas éticas da figura estética. *Porto Arte*, v. 8, n.15, p. 77-91, Porto Alegre, nov. 1997.
- VERISSIMO, Erico. *O continente I*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.